

**Em busca dos fundamentos do pensamento de Vilém Flusser**  
*Searching for Vilém Flusser's fundamental thoughts*

Eva Batlickova

Revisão: Leandro Pires Salvador

Resumo: Estudos sobre Vilém Flusser muitas vezes se limitam à sua fase mais avançada, quando ganhou a fama como um filósofo da mídia e um teórico da pós-história. Poucas análises de sua obra se voltam a seus inícios intelectuais. Este texto pretende contribuir a este tipo de pesquisa e discutir os traços fenomenológicos e pós-analíticos na formação de seu pensamento, como também a influência da filosofia budista que fortemente marcou o tom dos primeiros livros de Vilém Flusser.

Abstract: Many times studies about Vilém Flusser limit themselves to his more advanced phase, when he achieved fame as a media philosopher and a theoretician of post-history. Few analyses of his work are focused on his intellectual early stages. This text intends to contribute to this kind of research and to argue the phenomenological and postanalytical features in his thought formation, as well as the influence of the Buddhist philosophy that strongly set the tone for Vilém Flusser's first books.

Palavras-chave: fenomenologia; filosofia; linguagem.

Keywords: phenomenology; philosophy; language.

Vilém Flusser está se tornando cada vez mais uma referência importante nos diferentes campos das ciências e da cultura. Porém, que “Flusser” conhecemos? Sobre que “Flusser” tanto se fala? Sem dúvida, o livro mais famoso e mais lido de Flusser é *Filosofia da caixa preta*, de 1983, e especialmente depois desta data o mundo intelectual começa a se interessar por este pensador original e controverso. Em conseqüência, se forma uma grande discussão sobre Vilém Flusser como filósofo da mídia e sobre sua teoria de comunicação. Mas pouco se sabe sobre o início de sua carreira filosófica e quase nada sobre as fontes em que “bebia” esta personalidade excepcional, ou seja, quais eram as correntes e pensadores que o influenciaram. Este artigo tem o objetivo imodesto de contribuir para o estabelecimento desta discussão. No entanto, Flusser não é daqueles que facilitam a aventura da busca das raízes de seu pensamento. Ele deixou apenas poucas marcas diretas dos mestres que criaram a base de suas opiniões e argumentos. Ao contrário, é notório seu antiacademismo, que se manifestava, entre outros, pela falta de citações, de notas de rodapé e de bibliografia em seus livros (mesmo que, por exemplo, em *Língua e realidade* encontremos os livros que o inspiraram, não se trata de nenhuma bibliografia completa). Por isso, nosso caminho vai pelas entrelinhas das suas obras e de sua vida.

Vilém Flusser nasceu em Praga, na antiga Tchecoslováquia, em 1920. Naquela época, Praga era um dos centros culturais da Europa. A Universidade Carolíngia já no início do século vinte atingiu alto nível científico, acolhendo grandes personalidades: entre 1901-1906, estudou Franz Kafka, na Faculdade de Direito; em abril de 1911 Albert Einstein se tornou professor de física teórica, atuando 16 meses; e também Edmund Husserl aceitou vários convites para palestrar na Universidade Carolíngia. Em 1926, professores tchecos e estrangeiros fundaram o Círculo Lingüístico de Praga, baseando suas teorias no estruturalismo de Ferdinand de Saussure, opondo-se ao atomismo da escola lingüística histórica alemã.

O próprio Vilém Flusser chegou a ingressar na Universidade Carolíngia para estudar filosofia. No entanto, em novembro de 1939, os nazistas fecharam as universidades tchecas e, ainda mais, naquela época Vilém Flusser já não estava mais em sua terra natal, procurando refúgio primeiro na Inglaterra e, um ano depois, no Brasil. Porém, como era de família culta e o nível de ensino dos colégios praguenses no período entre guerras era excepcional, com certeza não deixou de conhecer as duas correntes filosóficas mais fortes, que naqueles anos começavam a seduzir e fascinar o público intelectual europeu. Trata-se da fenomenologia e da filosofia da linguagem.

O pai da fenomenologia, Edmund Husserl, criou-a originalmente como um método de descrever os elementos básicos da nossa experiência. Método que pretende superar a oposição entre realismo e idealismo. Uma das noções centrais da sua teoria é a intencionalidade, no sentido de que consciência é sempre consciência de alguma coisa. Não existe nem sujeito puro nem objeto puro, porque os dois elementos do conhecimento estão sempre relacionados pelo ato de consciência chamado *noesis*, onde os objetos se constituem. Por isso, o que somos capazes de perceber são apenas “fenômenos puros”. Conseguimos alcançar estes fenômenos pelo método da redução fenomenológica, sendo parte importante dela a *époché*, ou seja, a suspensão de nossas crenças habituais sobre as coisas e o mundo, que não é nada mais do que nossos preconceitos, que estamos recebendo desde a infância e continuamos a receber via discurso científico tradicional. *Époché* é um método que coloca nosso saber sobre o mundo entre parênteses para, livres do saber preconceituoso, enfrentarmos os fenômenos das coisas. Husserl vai ainda mais longe ao criar o conceito de redução eidética, que nos leva à essência da coisa, *eidos*, o horizonte da potencialidade da coisa, ou seja, como ela própria se oferece à nossa percepção. A verdade é, para ele, baseada na experiência imediata, na evidência das coisas captada pela intuição. A própria

subjetividade submetida a este método fenomenológico, para Husserl se revela como subjetividade transcendental, ou seja, o núcleo constitutivo da experiência – ponto mais criticado da teoria de Edmund Husserl. Os críticos acusam o filósofo de não conseguir se livrar da metafísica tradicional e do subjetivismo. O próprio Husserl tentou superar o subjetivismo e o idealismo da sua filosofia na sua última obra, que ficou inacabada, *A fenomenologia transcendental e a crise das ciências européias*. A superação se baseia na introdução da intersubjetividade no conceito de *Lebenswelt*, ou seja, o mundo da vida, que é constituído pela interação social. *Lebenswelt* é o mundo da nossa experiência comum, o mundo carregado pelo sentido. Porém, o perigo para este mundo Husserl vê na ciência atual, que graças à sua abstração esgota seu sentido. O aluno mais importante e ao mesmo tempo o grande crítico de Husserl é, sem dúvida, Martin Heidegger. Sua filosofia, que transformou a fenomenologia no existencialismo, é baseada na superação do subjetivismo, do qual não conseguiu se livrar seu mestre. Heidegger muda completamente a ontologia tradicional, que culpa da confusão entre *ser* e *ente*, o que acaba objetificando o *ser* por ignorar sua temporalidade como a própria essência do *ser*. A filosofia não pergunta mais pelo *ser*, afirma, mas pelas coisas, o que faz com que o sentido de *ser* passe a ser entendido como “atualidade permanente”, esvaziando assim seu sentido e levando ao niilismo. Ele encontra o esvaziamento total na técnica, que denomina Ge-Stell (a manipulação total). Ele apela para a retomada da questão do sentido do *ser*, e procura a recuperação da noção de *alétheia* como verdade no sentido poético e mítico, como o desvelamento do *ser*, como a entenderam os gregos. A outra filosofia que nos interessa a respeito de Flusser é a filosofia da linguagem. A linguagem começa a ocupar o centro das discussões filosóficas no fim do século XIX e no século XX esta tendência vai se fortalecendo. Originalmente este discurso foi estabelecido como uma crítica ao subjetivismo e transcendentalismo da filosofia tradicional com o objetivo de repensar a base da fundamentação do conhecimento científico. Esta base deve consistir, a partir deste momento, na análise lógica da linguagem. A filosofia analítica passou por várias fases. As primeiras apostando na lógica como o ponto de partida para todas as ciências e ligadas a nomes como Gottlob Frege, Bertrand Russel e Ludwig Wittgenstein com seu *Tractatus logico-philosophicus*. Na Áustria, formou-se o grupo chamado Círculo de Viena, fundando o positivismo lógico, exigindo que todas as ciências sejam empírico-formais, ou seja, baseadas nos princípios lógicos com teorias verificáveis empiricamente. Na mesma época Wittgenstein, refugiando-se do meio acadêmico, estava repensando suas posições – o

resultado publicou no livro *Investigações filosóficas*, no qual muda completamente o estatuto da linguagem. A teoria do “segundo” Wittgenstein foi realmente revolucionária, porque foi a primeira que trouxe a negação da concepção representativa da linguagem e apresentou uma nova proposição para ela, como um instrumento para a construção dos jogos lingüísticos. Assim, o significado, pela primeira vez na teoria de Wittgenstein, perde seu papel de objeto da descrição e recebe o papel de seu instrumento; graças a isto, as perguntas para a realidade em si passam a carecer de significado. O significado não é nada absoluto, trata-se da mera avaliação da expressão lingüística concreta dentro do jogo lingüístico concreto. A linguagem torna-se, assim, a caixa de ferramenta dos instrumentos para atingir um certo alvo.

*Investigações filosóficas* foi uma das obras que decisivamente influenciou a formação da filosofia pós-analítica, que se estabeleceu nos EUA nos anos 50 e 60, também conhecida como a *segunda volta para a linguagem*. Esta corrente se constituiu como uma reação ao neopositivismo, e, sobretudo, contra o positivismo lógico do Círculo de Viena. O neopositivismo foi sedutor pela aplicabilidade prática das suas teorias, porém, naquela época, deixou de ser aceitável por seu pragmatismo extremo e objetividade desumanizada. Seu domínio foi ameaçado pelas novas descobertas no campo da ciência, que começaram a atacar a própria possibilidade do conhecimento objetivo e revelar a limitação das leis lógicas. Em razão disto, a filosofia da linguagem se abriu para as novas tendências vindas da Europa, isto é, os pensamentos da obra avançada de Ludwig Wittgenstein, já mencionada, o método fenomenológico de Martin Heidegger, a hermenêutica de Gadamer e a teoria crítica da escola de Frankfurt. Assim, a *segunda volta* se colocou radicalmente contra o atomismo lógico e contra a teoria da correspondência da verdade. A filosofia pós-analítica tornou-se uma ontologia, que acentuou o caráter pluralista da realidade, e uma gnoseologia, que se baseou no caráter dialógico do conhecimento, ou seja, no consenso. Rejeita a concepção da língua como o meio de descrição da realidade objetiva. De acordo com estas características básicas, apela para a legitimização da autenticidade e pluralidade de todas as culturas, cuja incomensurabilidade é incaptável pela linguagem neutra da ciência.

Vilém Flusser começou escrever seus primeiros livros na segunda metade dos anos 50. Primeiro foi *A história do Diabo*, em 1956, o segundo *A dúvida*, em 1959, e por fim, o terceiro e último da sua fase brasileira foi *Língua e realidade*, lançado como o primeiro livro do autor em 1963. Mesmo que não seja possível enquadrar Flusser dentro duma corrente filosófica, desde início demonstra em suas obras grande interesse pela

linguagem. Em seus livros, analisa os princípios das culturas, comparando principalmente a ocidental com a oriental, mas em *Língua e realidade* foca inclusive as culturais nacionais européias. A essência de cada cultura, ele encontra na língua em que seu povo comunica, com vastas conseqüências. O método que usa é próprio, que chama de a análise fenomenológica da língua, juntando tanto a fenomenologia como a filosofia da linguagem, tentando criar uma ponte entre elas, conforme suas próprias palavras.

Como vemos, já a filosofia pós-analítica possui como um dos seus fundamentos a fenomenologia, principalmente via Heidegger. Porém Flusser, com seu método da análise fenomenológica da linguagem, se volta para o seu “pai espiritual”, Edmund Husserl, aproveitando apenas uma parte de sua teoria. Da fenomenologia husserliana, ele aceita o método de *époché*, a abordagem despreconceituosa de um objeto observado ou, em geral, relativa ao mundo. Assim, Flusser se deixa impactar pelo fluxo das impressões amorfas, para que na sua consciência livre formem-se respectivos correlatos de significado, os chamados *noema*, que é o resultado da relação do sujeito com o objeto. Porém, aqui termina sua aplicação do método de Husserl. Flusser está convencido de que o mundo não é nada mais que um *noema* significativo, e a capacidade noética na nossa consciência é nossa capacidade lingüística. Não existe nenhum *eidos* que dê o significado absoluto para o correlato, porque atrás da língua se estende o inarticulável império do Nada. Nada no sentido de massa amorfa, *matéria prima* (com mero estatuto de vir a ser) esperando a língua, que desempenha o papel da *forma*, que lhe doa a vida mediante a doação do significado. Por isso, as línguas diferentes dispõem de significados diferentes, bem como maneiras diferentes de ver o mundo. Junto com a língua, mudam-se os correlatos, o que é, para nós, o aspecto externo dos objetos.

Flusser critica também a concepção husserliana da subjetividade transcendental. Para ele, o sujeito humano é inseparavelmente ligado à língua, porque a subjetividade humana não é nada mais de que a *noese*. Ela é pura atividade noemática, que se realiza na língua. Esta relação estreita entre a língua e o homem é, ao mesmo tempo, básica para esclarecer a condição existencial do ser humano autêntico. O único ambiente onde se pode realizar verdadeiramente a existência humana, ou seja, um *Lebenswelt* flusseriano, é a conversação autêntica. O antipólo dela é a conversação distorcida, inautêntica, cuja primeira camada é agitação ideológica e a última a loucura, próxima do estado animal. Flusser, mediante sua identificação da língua com a realidade, abriu, para si, o caminho da investigação da realidade através da análise da linguagem, o que

significa que conseguiu transpor toda a problemática filosófica para o nível da gramática. Ao mesmo tempo, graças a esta identificação da camada ontológica e semântica, evita qualquer tipo de sedução vinda do realismo metafísico.

Por estas razões, a concepção filosófica de Flusser ultrapassou sua época em muitos aspectos. Ele escreveu seus primeiros trabalhos na segunda metade dos anos 50, isto é, quando Willar Van Orman Quine, pioneiro da filosofia pós-analítica, estava ainda preso nas algemas da filosofia tradicional, como prova sua insistência na teoria da validade epistemológica das sentenças observatórias e na crença na fundamentalidade da observação das ciências naturais.

No entanto, Flusser não era nem um fenomenólogo, nem um filósofo pós-analítico, porém superava as duas correntes no seu antiessencialismo e pluralismo tão excepcionalmente radical para sua época. Vilém Flusser foi um pensador antiacadêmico, como mencionamos. Mas seu antiacademismo não se esgotava só na falta de citações e de bibliografia, mas por meio dele Flusser se livrava principalmente de um certo tipo de rigidez e “solidariedade” com normas científicas, o que permitiu um ecleticismo, que nos meios estreitamente acadêmicos seria discutível. Em *Bodenlos*, sua biografia filosófica, descreve seus primeiros anos no Brasil. Eram os anos 40 e ele trabalhava em escritórios – nada que o podia satisfazer, muito pelo contrário, como lembrou num dos nossos encontros Edith, sua mulher e grande companheira. Na mesma época, ele se dedicava à filosofia budista, que para si assume como um tipo de fuga da situação difícil. Embora Flusser tenha abandonado o budismo depois de poucos anos, compreendendo-o como mera ginástica mental e afirmando que seu contato com esta filosofia terminou numa grande decepção, é possível perceber que foi exatamente a influência desta filosofia que deu a radicalidade de seu pensamento e que funda um dos pilares básicos das suas teorias. Aliás, nos seus primeiros livros, a filosofia indiana é explícita em muitos lugares.

Se prestarmos atenção para a concepção dinâmica da realidade de Flusser, descobrimos que tem muito a ver com a concepção da realidade da ontologia budista. Na teoria de Flusser, nossa realidade perceptível tem origem no império da possibilidade, do qual é tirada e realizada mediante a articulação das línguas concretas. Estas são produtos dos intelectos concretos, porém os intelectos antes da sua realização dentro da língua possuem também apenas o estatuto da possibilidade. Na teoria budista, todos os objetos, inclusive intelectos, são forças e procedimentos, sem o caráter estável da filosofia européia tradicional ao qual estamos acostumados. Assim, a vida é um fenômeno

composto e tudo é incessante, ciclicamente nasce e morre; razão porque não existe nada estável.<sup>1</sup> Nem a mente é algo fixo, mas fluxo de pensamentos sempre novos, desta forma, diferente em cada momento. Por isso não existe nenhum Eu que se possa identificar com a subjetividade ou individualidade no sentido da tradição europeia, o que relativiza, como consequência, a existência da própria história. Por esta razão, é possível dizer que a concepção pós-moderna, antiessencialista e dinâmica do sujeito e da realidade em Flusser está enraizada precisamente na filosofia indiana tradicional. Acrescentemos que este interminável vir a ser na teoria budista está submetido às leis rígidas da casualidade, que podemos encontrar na filosofia de Flusser na forma das leis gramaticais.

Paralela evidente é possível descobrir também na noção de *indizível* de Flusser quando relacionada à noção clássica budista de *nirvana*. A própria palavra *nirvana* na tradução literal significa *a chama que se apagou*, por isso muitas vezes é identificada com a palavra *nada*. *Nirvana* é *aniquilação, tranquilização*, é um lugar onde o Eu perde sua subjetividade e se funde com o ser absoluto. Na tradição indiana, *nirvana* é um conceito plenamente negativo, isto é, é impossível de se descrever ou afirmar o que é, porque é algo que está fora do nosso pensamento. Podemos compreender o *nirvana* apenas pela intuição. Flusser identifica seu termo *indizível* muitas vezes também com os termos de *nada* e *escuridão* e, assim como o budismo, coloca-o dentro de uma esfera inalcançável pelo raciocínio, porém atingível apenas pela intuição e a oração. Muito interessante é também a comparação do caminho budista para o *nirvana* com o caminho de Flusser para o *indizível*. O budismo ensina sobre duas maneiras para se alcançar o *nirvana*. A primeira é via a dialética, através da seqüência de operações lógicas que nos levam até a própria fronteira do raciocínio e nos oferecem a vista para o vazio inalcançável e incaptável que se estende atrás dele. A segunda possibilidade é pela via da meditação. Flusser se dedica detalhadamente à mesma questão em seu livro *Língua e realidade*. Na sua classificação das camadas lingüísticas, denominou como a mais alta a *oração*, num sentido que abrange tanto frase como reza. Na concepção de Flusser, *oração* é a camada onde a língua perde suas características, que conhecemos intimamente da conversação comum, e se coloca em contato direto com o *indizível*, que tenta alcançar. Nesta camada mais alta, a língua tem duas formas. A primeira é a forma da língua matemática da

---

<sup>1</sup> Flusser, por exemplo, afirma, que a própria natureza é dependente da realização concreta na língua. Assim, existia e extinguiu-se a *fysis* grega, e com a língua matemática da idade moderna surgiu a natureza

lógica, a segunda a forma da reza. O caminho para a perfeição da língua matemática da lógica é o caminho da formalização sempre maior da língua. A formalização chega, em sua forma mais alta, à perfeição autodestrutiva ligada com a perda do significado, isto é, com a destruição de si própria como língua. Neste momento, esta camada lingüística se dilui no absoluto, porém sem oferecer a menor contribuição para o conhecimento; trata-se de mera aniquilação. A lógica atual tenta enfrentar esta autodestruição com um movimento circular sem sentido, deixando esvaziar suas sentenças que se tornam plenamente autoreferenciais. Mediante esta discussão falsa, luta contra sua queda inevitável para o nada. No entanto, se voltarmos nossa atenção à lógica budista, percebemos que, ao contrário da lógica ocidental, ela está totalmente a serviço da intuição e da ética. Como já foi dito, pelo caminho da lógica a razão chega aos seus limites e neste momento abre-se para a intuição que, mediante a sensibilidade, encontra o ser absoluto. O filósofo, enriquecido por esta experiência, volta-se aos seus instrumentos da lógica para que possa comunicar sua vivência para o público, explicando suas conseqüências práticas para a vida de cada homem. Assim, a lógica própria é o rumo eterno para a verdade suprema que, porém, fica sempre distante.

Flusser afirma a inalcançabilidade da realidade e da verdade absoluta no livro *A dúvida*. Para ele, os elementos constitutivos e dinâmicos da realidade são identificáveis com projetos de frase, ou seja, na projeção do sujeito ao objeto, de acordo com as regras gramaticais. Como este trabalho é dedicado apenas à análise das línguas flexivas, o autor identifica estas regras com as da lógica. O objeto final da cada frase é o próprio *indizível* e cada projeto é, assim, a tentativa do sujeito alcançá-lo. Dizendo em termos lingüísticos, a situação de frase é a predicação do sujeito sobre o objeto, tentando em predicado plenamente captá-lo e esgotá-lo. No entanto, porque de princípio o objeto de frase transborda o predicado, igualmente como o *indizível* por sua natureza supera o intelecto, trata-se de esforço infinito e frustrado. Chegamos ao momento quando o budismo, ao contrário da racionalidade ocidental, livra-se do juízo, que se mostrou limitado no caminho ao conhecimento, e tenta avistar a verdade pela visão intuitiva. Esta aceitação dos seus próprios limites baseia a diferença fundamental entre a lógica indiana e a européia. A lógica indiana humildemente aceita as limitações de suas possibilidades, abrindo paradoxalmente para si o caminho para o conhecimento importante, com contribuições práticas para o homem. Por esta razão, Flusser submete à

---

em forma, como a conhecemos hoje. E estas duas naturezas são completamente diferentes da natureza das culturas Orientais.

sua crítica ácida a lógica européia, que tenta dissimular seus limites, tornando-se, assim, um sistema fechado em si. Neste processo, devora o mundo ao redor e esconde, desta maneira, a origem do mundo, que se enraíza no *indizível*. Nesta forma de pensamento da civilização ocidental Flusser avista a causa principal de sua crise.

Neste momento, é importante avisar que a lista das concordâncias entre as opiniões de Flusser e o pensamento budista não pretende provar que os argumentos de Flusser fossem a aplicação direta dos elementos concretos desta filosofia. Trata-se mais da tentativa de mostrar que as doutrinas budistas tradicionais, com sua abordagem antiessencialista da realidade e do sujeito, se harmonizam, em muitos aspectos, com o fluxo dos pensamentos dominantes na parte ocidental do mundo naquela época. Por isso, Flusser pode se inspirar mais no radicalismo da relativização da imagem, que sentidos e juízo oferecem para nós, do que pelas idéias concretas da doutrina budista.

O que vale a pena destacar é que, no budismo podemos encontrar princípios que Flusser tenta introduzir no pensamento ocidental com objetivo de viabilizar sua renovação. Um dos princípios mais importantes é a tendência prática da filosofia budista, que pretende ser instrutiva para a vida correta e ajudar a revelar seu sentido para o homem. Um segundo é a atribuição de inferioridade ao conhecimento racional, porque a verdade é inalcançável pela razão e o homem pode se aproximar dela apenas através da intuição. Ensina que todo o empenho racional desemboca no agnosticismo, único resultado possível de ser atingido por este instrumento com auxílio da lógica. Digno de nota é também a tolerância admirável do pensamento oriental. No budismo, a verdade não tem forma única. Por isso, ele designa todos os sistemas de pensamento como meios válidos para procurar a verdade. Podemos concluir que o pensamento da filosofia budista é baseado na humildade do homem perante o mundo e seus mistérios. E, principalmente, esta postura de humildade Vilém Flusser destaca na sua obra, convencido de que apenas ela pode devolver a dignidade da vida humana no mundo atual.

Da obra mais avançada de Flusser, com grande número de conceitos mais técnicos, focando mídia e imagens técnicas, poderíamos ficar com a impressão de que seu pensamento se limita à problemática pós-histórica. No entanto, tratando-se de Flusser, é importante sempre estar alerta. Muitos já o acusaram de superficialidade, graças aos seus ensaios provocativos brincando com a própria base do pensamento ocidental, caindo na armadilha que ele preparava para seus leitores não atentos, ou talvez iniciantes. Da mesma maneira, existe uma tendência de conceitualizá-lo como pensador da mídia, filósofo pós-histórico e estudar sua obra a partir dos anos 80, usando os

trabalhos mais antigos apenas como fonte de informações biográficas. Razão pela qual este artigo tem como objetivo mostrar a complexidade do pensamento de Vilém Flusser e comprovar que, mesmo que seja em princípio autodidata, obviamente seu estudo era profundo.

Bibliografia:

Blecha, Ivan: *Fenomenologie a existencialismus*, Olomouc (1994)

Flusser, Vilém: *A dúvida*, Rio de Janeiro (1999)

Flusser, Vilém: *A história do Diabo*, São Paulo (2005)

Flusser, Vilém: *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, São Paulo (2007)

Flusser, Vilém: *Filosofia da caixa preta*, Rio de Janeiro (2002)

Flusser, Vilém: *Língua e realidade*, São Paulo (1963)

Marcondes, Danilo: *Iniciação à história da filosofia*, Rio de Janeiro (2005)

Peregrin, Jaroslav: *Obrat k jazyku: druhé kolo*, Praha (1998)

Rádhakrishnan, S.: *Indická filozofie*, tr. Janacek, Adolf, Praha (1961)

Wittgenstein, Ludwig: *Filozoficka zkoumani*, tr. Pechar, Jiri, Praha (1998)

Wittgenstein, Ludwig: *Tractatus logico-philosophicus*, tr. Fiala, Jiri, Praha (1993)

Biografia: Eva Batlickova

Graduou-se em Língua Portuguesa, em Brno, República Tcheca, com um trabalho sobre o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser em sua fase brasileira. É autora de diversos artigos. Escreveu o Ensaio diabólico do livro de Vilém Flusser “A História do Diabo”, editora Annablume.